IMPOSSIBLE GILLETTE.



FERDINANDO FREGA

— NANDO THE SCRIBE — フレガ・サン — Ferdinando —

GILLETTE IMPOSSÍVEL

THE SYSTEM · 09

Uma coletânea de histórias em primeira pessoa — as lições de cálculo mental de um pai à base de mortadela, uma fuga russa, o pedido de desculpas de um vendedor de frutas às três da manhã, um disfarce de mensageiro do hotel, uma foto de passaporte com vinte quilos de atraso e uma crônica de sobrevivências impossíveis — em que a Gillette não é um emprego, mas o sistema operacional sob a pele do autor.

COLOFÃO

Ferdinando Frega — Nando, o Escriba — A Quinta Lâmina

Pioneiro narrativo do Código de Comportamento. Construiu um ecossistema editorial de um dólar em torno de uma única ideia: as finanças não têm um problema de dinheiro. Têm um problema de comportamento.

Editado e com curadoria dentro do ecossistema **ONEDOLLAR-STORIES**. Arquitetura digital: **NAPLES-POST** · **NOASPECTTIME** · **ONEDOLLAR-STORIES.** Publicado pela primeira vez em 2026. Composto em uma diagramação tipográfica limpa e moderna, otimizada para a leitura digital. Publicado nos Estados Unidos.

AVISO DE DIREITOS AUTORAIS

© 2026 Ferdinando Frega. Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a permissão prévia por escrito do autor, exceto no caso de breves citações incluídas em resenhas críticas e de alguns outros usos não comerciais permitidos pela lei de direitos autorais. O uso, a reprodução ou a distribuição não autorizados desta obra são proibidos.

PREFÁCIO

Antes que este livro comece, que uma coisa fique clara: eu não vendo livros, não os monetizo, não converto leitores e não peço nada. Escrevo de fora do mercado, não para agradá-lo, mas para expor o que ele não consegue controlar. Foi a própria web que empurrou meu nome para dentro da busca por Gillette, e é por isso que esta trilogia existe: para registrar o homem Gillette — não como um produto, não como uma campanha, mas como uma força, um personagem, uma arquitetura. Ele não pede nada. Não espera nada. E, no entanto, já recebeu o que importa: o reconhecimento. Num mundo governado por sistemas de bilhões de dólares, este livro se ergue como prova de que uma voz pode se levantar sem permissão, sem concessões e sem preço.

O QUE "GILLETTE IMPOSSÍVEL" REALMENTE SIGNIFICA

GILLETTE IMPOSSÍVEL é o momento em que um homem deixa de fazer parte de um sistema e se torna a referência do sistema.

É onde **Frega** — o homem projetado pela disciplina, pela precisão e por uma geometria interior — colide com a **Gillette** — a marca

que não barbeia rostos, barbeia desculpas.

A maioria das pessoas entra numa empresa. Alguns poucos, a empresa reescreve. Eu fui do segundo tipo.

“Impossível” não tem a ver com dificuldade. Tem a ver com inevitabilidade — o ponto em que a arquitetura de um homem e o DNA de uma marca se fixam na mesma frequência e se recusam a se separar.

Gillette impossível = **um homem forjado por padrões, uma marca absorvida na identidade, uma vida que se recusa a se desprender da própria disciplina.**

A DECLARAÇÃO

“Eu não escolhi a Gillette. Minha arquitetura reconheceu o próprio reflexo.”

Ou a versão que cai como uma porta de metal que se fecha com um estrondo:

“Eu não trabalhei para a Gillette. Eu carregava o padrão dela na minha corrente sanguínea.”

Isto não é branding. Isto é biografia talhada com uma lâmina.

INTRODUÇÃO

“Alguns homens batem ponto. Alguns homens são moldados. Eu fui moldado. A Gillette não era um emprego — era o sistema operacional sob a minha pele. Ela me ensinou o timing, a precisão e a disciplina que me manteve de pé. É por isso que chamam de impossível: não dá para tirá-la de mim sem arrancar a estrutura que me mantém ereto.”

ANTES DO PRIMEIRO CORTE

A maioria das pessoas passa a vida tentando ser aceita por sistemas que não construiu. Sistemas corporativos. Sistemas editoriais. Sistemas sociais. Sistemas familiares.

Elas se adaptam. Negociam. Esperam ser reconhecidas.

Eu nunca tive essa paciência.

Minha vida foi moldada por três lâminas.

A primeira pertencia a um homem que transformou uma ideia descartada em um dos nomes mais reconhecíveis da história moderna: **King Camp Gillette**.

A segunda pertencia ao meu pai — quarenta anos dentro da The Gillette Company — que me ensinou que a disciplina não grita; ela calibra.

A terceira é invisível. Pertence a mim. Corta indústrias, identidades, países, fracassos, sucesso, escrita, silêncio — e sistemas que ainda não sabem onde me colocar.

Este livro não é uma celebração do sucesso. Não é um livro de memórias. Não é um manual de negócios. Não é literatura em busca de aprovação.

É o registro do que acontece quando um homem para de perguntar a que lugar pertence e começa a construir estruturas que obrigam a realidade a reconhecê-lo.

Alguns nomes vendem produtos. Alguns nomes desaparecem. Alguns nomes deixam marcas muito tempo depois que a mão se foi.

Esta é a história de três lâminas. E de por que um nome nunca foi suficiente.

MORTADELA

Eu tinha cinco anos, mas não era uma criança como as outras. Com um pai como o meu, você vai entender por quê.

Ele saía toda segunda-feira ao amanhecer e desaparecia a semana inteira. A Gillette tinha a guarda dele. Ela só o devolvia para mim na sexta-feira à noite, quando ele tocava a campainha e eu corria até ele — primeiro para abraçá-lo, depois para "dirigir" o Fiat 127 dele até a garagem. O carro da empresa.

Lá dentro, ele se sentava no banco do passageiro. Eu ficava ao volante. Nossas conversas viviam em outra dimensão.

Ele me dizia que eu tinha de fazer as contas de cabeça. Porque um dia, se eu não encontrasse uma calculadora, ia me perder. Então, começaram os exercícios.

"Nando… se 100 gramas de mortadela custam 800 liras e eu compro 120 gramas, quanto eu pago?" Eu respondia na hora. Ele era meu pai — só anos depois entendi o que ele estava construindo dentro de mim. Mas o amor dele era tão grande que nada pesava, se vinha dele.

Depois ele continuava: "E se eu comprar 90 gramas? E oitenta e dois gramas?" Respostas precisas, todas as vezes. Eu não queria decepcioná-lo. Esse instinto nunca me abandonou.

Anos depois, quando eu estudava contabilidade, ele fez a pergunta do século: "Se eu compro por 100 e vendo por 120, com que markup estou trabalhando?" "Vinte por cento", eu disse. "Muito bem."

“Mas se eu compro por 100 e vendo por 120, e quero a margem bruta, qual é?” Ele olhou para mim. Não o deixei falar. “Dezesseis por cento.”

Ele não disse uma palavra. Sorriu. E foi embora.

Esse era o meu pai. Um dos filhos da Gillette.

Nando.

O LADRÃO

A maioria dos leitores — os honestos — vai se sentir atraída pela tentativa de entender o que é realmente um ladrão, como ele evolui, o que ele representa dentro de um papel que não é papel nenhum.

Mas cuidado: não estou apresentando a lista dos membros do parlamento italiano, acima de qualquer ideologia política. Estou simplesmente descrevendo, pela visão e pela experiência, aqueles que cruzaram essa linha e conseguiram voltar sem explodir, ainda sorrindo para a justiça.

Ele não pertence a nenhum ofício, nem a nenhuma profissão. A lei o reduz a “criminoso”, mas a palavra **ladrão**, dita sem rodeios, não existe no Código Penal de nenhum sistema jurídico do mundo.

Palavra de ladrão.

O que resta é uma arte: engenho, necessidade, oportunidade, um modus vivendi.

Os mais famosos são os econômicos e os financeiros. Os menos conhecidos — e muito mais perigosos — são os cognitivos e os sentimentais.

Ambos pagam um preço, mas o segredo está num velho princípio criminal: antes de cometer o ato, é preciso primeiro encontrar o culpado e produzir as provas. São os únicos elementos que lhe dão uma rota de fuga provável — nunca absoluta. Só depois disso é possível planejar.

Um ladrão respeitável preserva o anonimato. Nunca vai para a cadeia. Não se arrepende. Não confessa. Não divide. Nasceu assim: reservado.

As pessoas se sentem atraídas por ele. O imprevisível sempre cativa mais do que o óbvio, mesmo quando carrega um risco não calculado.

Quando a autoridade judiciária encontra um deles, ela o elogia. E a primeira coisa que procura não é o método — isso é para os curiosos — mas o butim.

Também aqui a identidade do personagem se revela: nunca mantenha os ganhos dentro das próprias fronteiras. E hoje as fronteiras não são mais nações — são continentes.

Uma diretiva europeia de abril de 2026 determinou que todos os bancos fossem conectados e monitorados automaticamente pelas autoridades fiscais de cada país da comunidade. Os primeiros ladrões tinham se preparado muito antes disso.

As alternativas continuam sendo os outros continentes — o único lugar onde um ladrão ainda tem razão de existir.

Quanto à Igreja Católica: ela modificou o sétimo mandamento ao longo dos séculos, mas ninguém nunca fala disso. No Antigo Testamento, a proibição se referia ao sequestro de um israelita livre para vendê-lo como escravo. Depois, evoluiu para uma proibição geral do roubo.

E quando o crime se deslocou para o campo cognitivo, a literatura médica teve de inventar um termo: **manipulação**.

Veremos o que a literatura vai inventar a seguir. Quanto a mim, espero um dia ficar famoso pela primeira acusação de **roubo cognitivo literário**.

Nando

A ACADEMIA

Existe um fio fino que mantém um casal unido. Os “espertos” dizem: **dinheiro e interesse**. Os patológicos dizem: **sexo**. Os que realmente entendem dizem: **a academia**.

Por quê? Porque essa resposta resolve 95% dos problemas de relacionamento.

Dinheiro e interesse

Eles só sobrevivem quando não há mais nada a oferecer. Não uma bênção — uma limitação. Você vive a vida a 50%. A melhor metade fica trancada para sempre.

Sexo

O homem é mecânico: precisa se aliviar, perder, se esvaziar. A mulher é cognitiva: lê o próprio corpo como um código secreto. Ela não renuncia, não se submete, não desmorona. Ela escolhe.

A parte interessante

Um casal nasce assim:

Ele pensa: “Sou o primeiro dela, o melhor, o único. Eu a fiz se apaixonar por mim. Vou acompanhar o ritmo. Minha mãe não me contou tudo sobre as mulheres, mas eu me viro.”

Ela pensa: “Ótimo. Tomara que ele seja o último. Eu dou um jeito nele. Ele não é muito esperto — vantagem. É homem: mais cedo ou mais tarde vai chorar no meu ombro.”

Verdade da manhã

Ela fica nua diante do espelho. Conhece cada palmo do próprio corpo como um reino particular. Vê um centímetro a mais, uma curva que se desloca, um seio que baixa o olhar em direção aos joelhos. E entende: **o corpo dela é o seu valor agregado, a sua arma, a sua diplomacia.**

Então, ela vai para a academia.

Mas, como é cognitiva, começa descarregando tudo em cima dele:

“Sabe, ontem à noite você não era o homem com quem eu me casei. Três minutos e já estava dormindo. Você roncou. Está com barriga. E faz dois anos que você não vê o seu amiguinho.”

Ele entra em pânico depois de doze segundos. “O que eu faço?”

Ela responde: “Você vai para a academia. Eu vou junto. Assim, você não fica entediado.”

E aqui vem o problema

A academia não é um lugar. É um ecossistema. E os ecossistemas atraem **as companhias erradas**. Do tipo que transforma um homem em ladrão. E entre ladrões, gente honesta não sobrevive.

Depois vêm as traições. E o custo é muito mais alto que a mensalidade.

Todo mundo conhece o resto. Contá-lo só abre feridas. E este autor não abre feridas: ele distribui sorrisos, pensamentos e aquela gota de amargura que você nunca esquece.

Nando

ANO DE 2025

O trem e a ajuda inesperada

Em **Florença** desci do trem e me sentei num banco. Precisava de tempo para pensar.

Jogar-me nos trilhos era tecnicamente possível. No entanto, teria deixado sangue na linha férrea. Alguém teria de limpá-lo.

Na Itália, são capazes até de lhe cobrar a limpeza.

Além disso, eu não tinha me perdido. O suicídio pertence a quem perde os próprios pontos de referência cognitivos. Minhas referências ainda estavam intactas.

Enquanto isso, ver uma bela mulher atravessando a estação me lembrou da vida. Também me lembrou das muitas experiências que eu já tinha vivido.

Pouco depois, entrei no bar da estação e pedi para fazer um telefonema. Liguei para a minha esposa e lhe expliquei a minha decisão.

Disse a ela que iria para **Veneza** ver nossos filhos. Também lhe passei o horário exato de chegada.

A decisão parecia lógica e racional.

Meus filhos eram — e ainda são — a extensão natural da família que eu criei.

Quando voltei ao trem, o fiscal se aproximou de mim. Infelizmente, eu não tinha passagem.

Ele me disse que eu teria de descer do trem na próxima parada. Caso contrário, chamaria a polícia ferroviária.

Naquele momento usei três ferramentas: **capacidade, criatividade e solução**.

Expliquei com calma que me obrigar a descer do trem podia criar um problema maior. Disse a ele que eu podia me jogar nos trilhos e parar o trem por horas.

De repente, ele ficou em silêncio.

Então perguntei quanto tempo levaria para chegar à próxima estação.

“Pelo menos uma hora”, respondeu ele.

Durante aquela hora, aconteceu algo inesperado.

Duas mulheres da Toscana estavam sentadas na minha frente. Entendi imediatamente que eram professoras universitárias a caminho de um congresso.

No início, trocamos apenas comentários simples. No entanto, a curiosidade logo tomou o lugar da distância.

Uns trinta minutos depois, uma delas voltou.

Trazia uma passagem de trem na mão.

Minha passagem.

Mais uma vez, as mulheres se tornaram a minha sorte inesperada. Nunca neguei essa realidade.

O ser humano chamado mulher carrega uma profundidade que pouquíssimas pessoas compreendem por inteiro.

Antes de descer do trem, ela me deu seu endereço de e-mail. Eu queria devolver o dinheiro mais tarde.

No entanto, a vida continuou e isso nunca aconteceu.

Veneza e a segunda partida

Por fim, o trem chegou a **Veneza**.

De longe, vi meus filhos.

Vincenzo, 193 cm. Francesco, 188 cm.

Eles se erguiam acima da multidão no corredor.

Vieram me levar para casa e me reposicionar.

Logo me ajudaram a reconstruir uma estabilidade básica. Tomei banho, ganhei roupas limpas, comida e descanso.

Depois disso, começaram as perguntas. Muitas perguntas.

Puxaram mesmo à mãe.

Quatro meses depois, em **27 de junho**, apareceu outra decisão. O velho instinto da família tentou me puxar de volta.

Queriam que eu voltasse à minha profissão anterior.

Gerente.

Nando

CONTINUAÇÃO

No entanto, eu não ando para trás.

Nunca andei.

Em vez disso, enfrento o fracasso seguindo em frente.

Com o pouquíssimo dinheiro que me restava, comprei uma passagem de avião.

Destino: **Portugal**.

Eu não tinha nenhum plano preciso.

Mesmo assim, sabia como me mover.

Lisboa e o começo de tudo

Primeiro, cheguei ao **Porto**. O albergue hospedava vinte e quatro pessoas dormindo no mesmo espaço.

Meus recursos estavam quase no fim.

Por isso, fui para o sul, onde a vida custa menos. Cheguei a **Beja**, a cerca de quinhentos quilômetros dali.

No entanto, depois de uma noite, voltei para **Lisboa**.

Em **3 de julho**, finalmente encontrei uma cama.

Quarto compartilhado. Apartamento compartilhado.

Nove pessoas vivem em trinta e cinco metros quadrados.

Culturas e línguas diferentes enchiam aquele espaço.

As condições pareciam mais próximas de uma cabana africana do que de uma casa moderna.

O custo era de **230 euros por mês mais uma caução de 100 euros**. Paguei tudo.

Depois desse pagamento, não me sobrou dinheiro nenhum.

Sem comida.

Só um lugar para dormir.

Mesmo assim, aquele período se tornou essencial. Pode ser resumido em três pontos:

a) perder **vinte quilos** e transformar minha alimentação; b) sobreviver com apenas **setenta euros por mês**; c) dar forma aos projetos editoriais, pelo menos como rascunhos.

Fiquei lá até **22 de novembro de 2025**.

Por fim, decidi voltar para a Itália. Algumas garantias indicavam que finalmente poderiam existir condições sustentáveis.

Eu esperava que desse certo.

Mesmo assim, continuava pronto para partir de novo, se fosse necessário.

Então aconteceu algo extraordinário.

De **9 a 26 de dezembro**, em apenas **17 dias**, tudo mudou.

Os três anos anteriores, de repente, viraram preparação.

Agora o mundo podia me ver.

E eu, finalmente, podia vê-los.

Sem intermediários.

Sem plataformas controlando o processo.

Continuo livre dentro da minha ação.

Continuo sendo eu mesmo.

Feliz Natal. Papai.

Reflexão do autor

Olhando para 2025, já não vejo um ano de ruptura. Em vez disso, vejo um ano de esclarecimento.

Partir sem nada me obrigou a medir a distância entre posse e identidade. O dinheiro, o conforto e a certeza desapareceram depressa. No entanto, algo mais forte permaneceu.

A identidade sobrevive quando todo o resto desaba.

Aqueles meses instáveis funcionaram como um filtro. As ilusões desapareceram. As expectativas se dissolveram. Os papéis emprestados finalmente caíram por terra.

O que ficou foi o essencial.

Liberdade.

Os projetos que vieram depois não nasceram de uma estratégia. Em vez disso, cresceram a partir da necessidade.

No fim, aquele ano não destruiu nada.

Revelou o que já estava lá.

ENSINANDO OS CUBANOS

Quando aterrissei em Miami, já sabia que não restava muito de "americano" naquela cidade. O lugar era Cuba com ar-condicionado melhor. O taxista que me buscou era cubano, claro. A primeira coisa que ele pergunta: se estou sozinho e se quero companhia. Nada de supermercados, nada de shopping centers, nada da América de cartão-postal. Outro mundo, por completo.

Naquela primeira noite, enquanto eu estava sozinho em casa, alguém bateu à porta. A polícia. Eles me surpreenderam, mas não

estavam ali para criar problemas. Estavam ali para me informar que eu tinha um compromisso na manhã seguinte no Consulado Americano. Dez e meia em ponto.

No dia seguinte, cheguei na hora. Um homem de uns cinquenta anos abriu a porta e me disse que eu logo encontraria a consultora. Então ela apareceu: alta, magra, loira, elegante, impecavelmente arrumada. Apertou minha mão e me lembrou que tínhamos nos conhecido anos antes, em Roma, quando ela trabalhava no Ministério da Educação como a primeira diretora executiva.

“Claro que me lembro de você. Como vai?”, eu disse, sinceramente feliz por revê-la.

Daquele momento em diante, ninguém em Roma jamais entendeu por que recusei a proposta dela sem sequer perguntar pelo salário. Era uma proposta grande, séria — séria demais para um homem simples como eu, além do dinheiro, além da ambição.

“Eu gostaria que você trabalhasse por pelo menos 30 dias num projeto de formação e comunicação para jovens gestores cubanos. Você terá tudo o que quiser, e mais. Por favor, não diga não.”

As aulas seriam das 10 às 12, depois das 2 às 5.

Lembro-me da primeira aula: umas cinquenta pessoas, metade homens, metade mulheres, todos profissionais. Depois das apresentações de praxe — nome, sobrenome, idade ditos em voz alta — comecei a aquecer meu espanhol contando piadas cubanas. Todos queriam saber de que parte de Cuba eu vinha.

O primeiro verdadeiro momento de reflexão veio quando destaquei a diferença entre *ensinar* e *comunicar* — algo que muitos italianos nem sequer entendem.

Os dias voaram e, no fim, tudo terminou com um bolo que os alunos tinham feito para mim. Estavam felizes pelos 30 dias que passamos juntos. Todos queriam meu número de telefone. Ficaram espantados por eu não beber, não fumar, não usar drogas.

Na juventude, eu tinha sido jogador de rúgbi — mentalidade de esportista. Enquanto isso, a consultora italiana me convidou para jantar, para comemorar e para finalmente entender o que ela vinha perdendo. As pessoas eram tão apegadas a mim que simplesmente não conseguiam me esquecer.

Sou um homem de sorte, sempre com duas possibilidades diante de mim: a primeira, uma mulher maravilhosa me convidando para jantar depois de 30 dias de silêncio; a segunda, a voz do meu destino me dizendo que é hora de ir.

Um beijo ritual, uma despedida, e ela me pergunta: “Para onde você vai? Vai me deixar sozinha?”

Dei-lhe um beijo de despedida. Fui embora. E nunca olhei para trás. A liberdade sempre me custou mais do que o conforto.

Nando

AS BANANAS

Lição aprendida

Minha nova rotina alimentar, na terceira fase da minha vida, inclui bananas de manhã. Quando acabam na noite anterior, o dia seguinte começa com um vazio.

Numa manhã de dezembro de 2025, fui ao vendedor de frutas que fica embaixo da minha casa. Eu o conheço há mais de quarenta e

cinco anos. Ele me cumprimentou, disse “bem-vindo de volta” e perguntou do que eu precisava.

“Bananas. Se você tiver umas maduras, mesmo as mais baratas, prefiro essas.” “Não, só posso te dar estas”, respondeu ele.

Preço: € 1,45 o quilo. Verdes ou amarelas, à minha escolha.

Pedi um saco de € 5. Estava com meu cachorro e, por aqui, entrar numa loja com um cachorro ainda é tabu.

Já em casa, a curiosidade — filha de uma infância passada na pobreza — me levou a pesar o saco. 2,752 kg. Eu deveria ter pago € 3,99. Ninguém tinha mencionado o euro restante.

Sou um homem bom. Tolerante. Pensei que fosse um engano. Mas, quando nasce uma dúvida, ela precisa ser verificada.

Três dias depois, voltei. Mesma rotina. Cachorro incluído.

“Bananas, € 1.” Ele me deu quatro pequenas.

Meu amigo da sorveteria me esperava com sua balança. 0,456 kg. Custo real: € 0,66. Troco que faltou: € 0,34.

O primeiro episódio foi uma dúvida. O segundo foi a verificação. Eu precisava de um terceiro para chegar à certeza.

Naquela mesma tarde, voltei. Mesma cena. Paguei € 5 de novo.

Desta vez, quem me esperava era meu amigo agente de cargas. Balança profissional. 2,90 kg. Custo real: € 4,20. Ele cobrou € 5. E nada de troco, de novo.

Os dias passaram. Eu precisava levar em conta o homem, o contexto, o ambiente. Um confronto direto poderia criar problemas para minha família. Certas pessoas não reagem a palavras.

Mas meu nome é Frega. E ser roubado não está entre as minhas inclinações.

Minha vingança tomou outra forma.

Cinco dias depois, voltei sem o cachorro. Perguntei pelo dono — o pai, alguns anos mais velho que eu.

“Escute, um amigo meu comentou que, da última vez, as bananas pareciam demais. Pesei em casa: 3,90 kg. Pelo preço marcado, eu deveria ter pago € 5,65. Você só cobrou € 5. Vim lhe dar a diferença.”

E estendi para ele € 0,65, bem à vista.

“A não ser que tenha sido um desconto, já que nos conhecemos há quarenta anos.”

Os olhos dele se arregalaram. A mulher e os filhos ficaram paralisados. A experiência o salvou.

“Foi um desconto”, disse ele, “para um cliente especial.”

Pus as moedas de volta no bolso.

“Obrigado”, respondi. “Mas não vou mais fazer compras aqui. Essas atenções de ‘cliente especial’ me colocam numa posição difícil. Não tenho motivo para recebê-las. Nenhuma justificativa. Obrigado mesmo assim.”

Ele não conseguiu dizer uma palavra. Tinha entendido tudo.

Nos dias seguintes, passei em frente à loja. Nenhum comentário. Só olhos baixos. Diziam o que nunca tiveram coragem de dizer: desculpe.

A moral é simples: de um acontecimento negativo sempre se pode extrair um positivo. É assim que funcionam os meus sucessos.

Eu sou assim. E continuo comendo bananas.

Nando

CONTINUAÇÃO

Eram 3h23 da madrugada. Noite fria. Silenciosa. O interfone tocou. Todos acordaram.

Minha filha sussurrou: “Vieram prender você. Sua mala de rodinhas está sempre pronta atrás da porta do seu quarto.”

Ela não acreditava na minha história. Não tinha lido a verdade. Não confiava em mim. Eu nem sequer era digno de crédito. Ela só tinha interpretado palavras. E essa era a verdadeira dor.

Atendi o interfone. Uma voz disse: “Desculpe a hora, mas preciso falar com você. Sou o vendedor de frutas aqui perto da sua casa.”

Deixei-o entrar. Ele tinha quase oitenta anos. Quando acabei de vestir o roupão, ele já estava sentado no maior cômodo da casa. A sala de estar.

Estava emocionalmente destruído. Em lágrimas. Eu não sabia por onde começar.

Pediu uma coisa só: “Quando eu começar a falar, por favor, não me interrompa.”

Não interrompi.

“Ontem à noite tivemos aquele momento. Você lembra. Você quis me pagar sessenta e cinco centavos pelas bananas, e eu fiz um desconto para você.”

“Lembro”, eu disse.

“Depois que você foi embora, sentei à mesa com a minha família. A lição que você me deu foi forte. Para mim. Para um homem da minha idade.”

“Eu só quero saber se você me perdoa. E pedir o seu perdão.”

Segurava um lenço de pano e enxugava uma lágrima que insistia em voltar.

“Perdoe a hora. Eu não conseguia dormir sem ver você antes. E encontrar você não foi fácil. Procuramos o seu nome na internet. Apareceram três sites. Todos em inglês. Não entendemos o que eles dizem. Não vendem nada. Não pedem nada. Não entendemos o que são esses sites.”

Ele riu.

Levantei-me. Pedi que ele se levantasse. Abracei-o com força.

Disse a ele que eu não era nenhum catedrático. Nem professor. Não podia dar lições a ninguém. Só tinha aplicado o bom senso de um pai, em que regras e princípios vêm antes de qualquer lógica econômica.

Ao sair, ele perguntou se eu voltaria à loja dele. Respondi:

“O passado ensina. O presente nunca se esquece. O futuro vive nos nossos sonhos, onde vemos quem queremos nos tornar.”

“Eu estou além do futuro. Porque estou construindo riqueza geracional, não bens aproximados para herdar.”

Ele não entendeu bem o que eu quis dizer. Esse era o meu lado cognitivo — aquele em que, dentro de poucas palavras, não há nada, mas, se você escutar com atenção, há tudo.

Nando

ÀS PORTAS DA MORTE

Um momento em que um homem entende que a vida já escolheu por ele.

O diagnóstico

Toda vez que conto uma história vivida, primeiro sorrio e depois me pergunto como sobrevivi a ela. A situação era irracional, quase surreal. No entanto, ela moldou a minha vida, e por isso me sinto na obrigação de contá-la.

Janeiro de 2007. Estou do lado de fora de um laboratório de análises clínicas, esperando os resultados da cirurgia. Sete carcinoides tinham sido retirados do meu intestino delgado, em duas operações com apenas trinta dias de intervalo.

Uma faxineira que eu conhecia de vista se aproximou de mim em silêncio.

“Sinto muito”, ela disse. “Eu ouvi... tumores malignos. O senhor deveria procurar o oncologista.”

Naquele momento, a morte surgiu como a possibilidade mais imediata. No entanto, a razão logo interveio.

Pensei na minha filha com deficiência. Fugir já não era uma opção. Portanto, eu tinha de continuar vivo, construir o presente dela e proteger o futuro dela.

Pouco depois, o oncologista confirmou tudo: tumores neuroendócrinos, cerca de trinta dias de expectativa de vida.

Com aquelas palavras na cabeça, caminhei por uma praia deserta. Enquanto isso, o vento batia no meu rosto, e as ondas sussurravam algo que eu ainda não conseguia entender.

A decisão

28 de janeiro.

Dirigi até Nápoles à procura de velhos amigos e ex-clientes. Eu precisava de dinheiro e de um novo começo. No entanto, ninguém investiu um único euro.

Em vez disso, só me ofereceram jantares em restaurantes.

Poucos dias depois, em 6 de fevereiro, eu me vi em Nápoles com apenas 275 euros e sem cartão de crédito. Segundo o diagnóstico, restavam quinze ou vinte dias.

Na saída da rodovia, tive de escolher entre o sul e o norte.

Então minha esposa ligou.

“Venha para casa.”

Ela achava que estava falando com a depressão. No entanto, não conseguia ver o que a tempestade hormonal estava fazendo dentro do meu corpo.

Então, escolhi o norte.

Romênia

Dois dias depois, cheguei a Brasov, na Romênia — o condado do Drácula.

A viagem não tinha nada a ver com uma mulher. Era, isso sim, puro instinto.

Restavam vinte euros no meu bolso. O suficiente para morrer. Certamente não o suficiente para reconstruir.

Mesmo assim, decidi reconstruir.

Num bar, pedi um cappuccino e um cornetto. As mulheres romenas, percebi logo, tinham uma beleza rara. No entanto, os homens do lugar muitas vezes careciam de cavalheirismo.

A garçonete percebeu que eu não tinha nem um trocado. Em vez de me mandar embora, ela me ouviu. Conversamos por três horas.

No fim, ela chorou e até me ofereceu dinheiro.

Recusei.

Em vez disso, fiz uma única pergunta:

“Onde fica o cassino?”

Ela apontou para o fim da rua, confusa.

Entrei com vinte euros. Às cinco da manhã, saí com quatrocentos e cinquenta.

Nando

CONTINUAÇÃO

Reconstrução

Logo depois, aluguei um apartamento no quarto andar por 280 euros. A garçonete garantiu o pagamento.

À tarde, conheci várias garotas que trabalhavam nas estações de metrô. Enquanto isso, comecei a construir amizades.

Depois vieram as compras no mercado. Cento e cinquenta euros de comida apareceram no balcão. No entanto, paguei só doze. O atum saiu pela metade do preço, e o açougueiro me deu a carne de presente.

O cassino se tornou o meu banco noturno. Enquanto isso, o meu apartamento foi aos poucos virando um ponto de encontro.

Sabores calabreses se revezavam na mesa. Histórias circulavam. E a vida recomeçou em silêncio.

Uma volta que nunca aconteceu

Dezembro de 2007.

A morte tinha se esquecido de mim.

Minha esposa ligou de novo.

“Venha para casa com urgência.”

Só me restavam doze euros. No entanto, um voucher de uma companhia aérea me permitiu sair de Bucareste.

O voo para Reggio Calábria falhou em pleno ar. Em vez de chegar lá, fomos desviados para Zurique.

No aeroporto, improvisei de novo. Na sala VIP da British, agarrei o poste da fila feito microfone e comecei a cantar.

As atendentes riram.

Pouco depois, me deram um voo para Londres — mais cem libras.

Londres, Paris, Roma, Nápoles.

Cada passo exigia invenção. Cada momento exigia sangue-frio.

No fim, cheguei em casa sete dias depois.

As consequências

Minha esposa estava furiosa.

“Onde você estava? Com as suas garotas?”

Sorri.

“Ainda bem que elas existem”, eu disse. “Senão, eu ainda estaria preso em Zurique.”

Logo depois, comecei um novo trabalho: uma agência de trabalho temporário, construção civil e serviços de segurança. Seis funcionários deram início ao projeto. Todo mês, os lucros eram reinvestidos.

No entanto, pouca gente acreditava nele.

O colapso

Em 2008, voltei para a Romênia.

A agência chegou a 258 funcionários europeus. A construção trabalhava com uma multinacional italiana. Enquanto isso, a segurança atuava na soldagem atômica.

Aprendi romeno: a ler, a escrever e a falar. Histórias e piadas abriam todas as portas.

Então, em dezembro, entreguei tudo e fui embora.

As mulheres protestaram.

“Nada vai sobreviver sem você.”

Três meses depois, tudo desmoronou.

Por quê?

Porque a fome não se delega. A experiência não se transfere. E a ética de trabalho não se dá de presente.

A verdadeira lição

O italiano sem dinheiro, sustentado por mulheres romenas, pode parecer um sonho.

No entanto, a realidade ensina algo mais duro.

A verdadeira fome só aplaude quem a carrega dentro de si.

Nota final

Quando nasci, me deram um sobrenome como o meu — **FREGA** — um nome muitas vezes associado a ladrões e trapaceiros.

Há sessenta e um anos tento provar o contrário.

Porque os nomes não nos definem.

As marcas, sim.

E uma marca só se constrói com ações.

Nando

SEM CUECA

Ontem tinha sido um dia exigente, mas também resolutivo — como sempre. Nunca desperdicei meu tempo sem propósito: meu tempo cognitivo segue regras rígidas; o feminino não segue nenhuma.

E, no entanto, fui para a cama sozinho, porque minha esposa tinha decidido fazer uma "pausa". Desculpe — *menopausa*. Eu ri. Ela não.

Minha filha não perdeu a chance de me lembrar que, aos 61, eu era "velho", e que não teria força nem coragem para dar conta de uma mulher na intimidade — com certeza eu desabaria. Ela é minha

filha, minha vida. Bastou um sorriso para dizer tudo. Mas não resisti a soltar uma frase:

Muitos o usam só para ir ao banheiro. Outros se fazem de heróis. Outros, para gerar pensamentos. Outros se tornam pais e depois amantes. E outros só ficam olhando para ele.

Eu o transformei numa ferramenta de trabalho em tempo integral — e os impostos são retidos na fonte.

Ela explodiu numa gargalhada, incontrolável. Minha esposa, do outro quarto, confirmou o veredito de sempre: “Você é o Diabo.” Nada mais justo.

Eu me despi para dormir — eram 23h. Vesti um agasalho esportivo confortável. Dez minutos no celular, como toda noite, e depois cama.

Por volta das 5h, alguma coisa caiu. Eu estava com frio. Levei a mão até a calça e a cueca — as duas tinham sumido.

Quem fez isso? Não tinha havido festa, nem convidados, nem convites. Então, quem abriu o cofre?

Verifiquei com cuidado se as joias da família continuavam presentes e intactas. Então percebi que o meu “velho amigo” tinha acordado antes de mim, convencido de que havia trabalho a fazer.

O trabalho chegou, sim — mas não do tipo que você está imaginando. Do tipo pelo qual eu vivo: **contar a você uma história verdadeira e fazer você sorrir.**

Nando

UMA MULHER RUSSA

Junho de 2006 — O começo

Eu tocava o meu próprio negócio atacadista — produtos para a casa, cuidados pessoais, ilusões de grandeza. Achava que era forte. Era só arrogante.

Julho, Rimini. Uma feira cheia de ex-colegas, clientes, amigos e mulheres. Mulheres demais. Foi aí que entendi por que as feiras existem: você diz "trabalho", mas é só um álibi para sumir em outros quartos.

Nunca fiz o papel de marido triste com as promotoras. Não faz o meu estilo. Eu sempre dizia que amava minha esposa e que ela me amava — porque eu voltava para casa com dinheiro, experiência e nenhuma surpresa transmissível.

Naquela noite, chamei uma profissional. Duas horas do tempo dela, limpo, simples, de baixo risco. Pelo menos era o que eu achava.

Ela chegou: bonita como o mar no inverno, corpo perfeito, presença forte. Pediu o dinheiro na hora — não era médica; era algo mais parecido com uma paramédica.

Peguei-a pelo braço e disse a ela que se arrumasse: eu ia levá-la ao melhor restaurante da cidade e queria comprar as próximas 24 horas dela.

"Quanto você me dá?" Entreguei a ela tudo o que tinha no bolso. Ela começou a contar, se perdeu na conta e entendeu que tinha entrado em outro campeonato.

Ela perguntou se eu tinha vícios, desvios, jogos estranhos. Eu disse que era um homem criado pelo esporte, formado por uma

multinacional e um espectador da vida sem licença.

Ela relaxou. Fomos a pé até o restaurante — ela recusou o táxi. Chamou uma amiga para ir junto. Entendi: país estrangeiro, precaução. Nada mais justo.

O jantar foi tranquilo, quase romântico, mas eu continuei cognitivo. Antes de confiar a ela as joias da família, eu precisava saber quem ela era.

De volta em casa, ela me atacou no corredor. Sem tempo para a cama. Consumimos tudo o que era óbvio e tudo o que ia além.

Oito horas depois, eu estava indo embora. Ela me pediu que não fosse. Então, fiz uma promessa: "Antes do fim do ano, vou levar você à Rússia para ver a sua família." Ela não acreditou em mim. Pedi o e-mail dela. Ela me deu.

Nando

São Petersburgo — A descida

Novembro de 2006. Mandei um e-mail para ela: pronto para voar para a Rússia, me mande seus dados bancários. Ela ainda não acreditava em mim. Então, mandei dinheiro para a família dela.

Passagens. Visto. MILÃO–SÃO PETERSBURGO.

Em Malpensa ela me pediu mais dinheiro. O tom mudou — da simpatia ao poder. Não gostei.

O voo foi silencioso. A mãe dela nos esperava no aeroporto. Levaram-me para um apartamento. Hotel não é permitido.

Fomos ao mercado, compramos comida e jantamos com a família. Depois ela foi embora. Eu fiquei trancado lá dentro.

Na manhã seguinte, tentei abrir a porta. Trancada. Não era um sequestro — apenas uma contenção controlada.

Ela chegou às 11h, sorrindo. À tarde seríamos convidados em uma dacha nos arredores da cidade.

A amiga dela e um cara vieram nos buscar. Neve por toda parte. Chegamos à casa do coronel da KGB do pai dela.

Meu inglês sustentava as conversas. A mansão era magnífica. Até a torneira do bidê era de ouro.

Cada prato, refinado; cada momento, acompanhado de um vinho diferente. Depois me levaram à sauna dos homens, a cem metros dali. Lá fora, menos 20 graus. Depois da sauna ficamos nus, de pé, na neve. Uma tradição russa. Não perguntei o que vinha depois.

Naquela noite dormi sozinho, em um quarto lindo cheio de microfones. Ela dormiu em outro lugar.

De manhã: café da manhã com o coronel. Depois ele me mostrou seus carros, suas motos, e me levou de carro pela dacha com um pug debaixo do braço.

À tarde: de volta a São Petersburgo. À noite: ela tentou me dominar, me controlar. Não fazia ideia de quem eu era.

No dia seguinte percorremos de carro a avenida principal — 20 km de lojas, marcas, riqueza. Não era uma cidade pobre. Atrás apenas de Moscou.

Jantar com a família do coronel: vinte tipos de caviar, comida sem fim, cem dólares por pessoa. Depois, de volta à minha prisão. Ela trancou a porta de novo e foi embora.

No dia seguinte ela voltou. Saí por um momento, peguei um táxi e fugi — deixando todas as minhas malas para trás.

Ela ligava feito uma louca. Finalmente atendi: “Estou no aeroporto.” Ela chegou com a mãe. Extorquiram dinheiro de mim com a ameaça de me denunciar à polícia. Paguei. Embarquei no avião. Voei para Milão.

O pesadelo tinha acabado. Mas ela tinha entrado em mim, e sabia disso.

Nando

Volta à vida — A saída

De volta à Itália. Entrei no carro para ir a Turim a trabalho. Ela ligou.

A voz dela estava diferente, doce, educada, delicada. A magia das personalidades femininas. Eu sabia que ela era perigosa. Ceder significava me perder.

Ela não parava de ligar. Pediu que eu fosse buscá-la no aeroporto na quinta-feira às 18h. Às 17h eu estava na rodovia Turim–Piacenza. Teria sido fácil mudar de direção e chegar lá.

Em vez disso, dei por encerrado. E entendi algo definitivo:

As mulheres são fortes. Quando querem alguma coisa, pegam — sem pedir.

Reflexão posterior

Saímos da sauna nus, direto para a neve. Menos vinte graus. Um ex-coronel da KGB sorria para mim. Homens russos rindo como se não fosse nada.

E, pela primeira vez naquela viagem, um pensamento simples me atingiu:

Se isso der errado... para quem eu ligo?

A resposta chegou mais rápido que o medo:

Para ninguém.

Foi nesse momento que entendi a verdade: eu não estava em perigo. Estava fora do meu mundo.

E quando você sai do seu mundo, não recebe proteção. Recebe consequências.

Nando

O CEMITÉRIO

Era maio de 1975. Eu tinha dez anos quando atravessei aquele limiar pela primeira vez. Achava que estava entrando em um lugar de dor. Eu era só um garoto. Em vez disso, descobri que ele continha apenas duas coisas: um corpo e uma memória.

O corpo ficava lacrado dentro de uma caixa de concreto — se você tivesse sorte. Na Itália isso era normal; em outros lugares os rituais mudavam, mas só por razões culturais, nada mais.

A memória vivia dentro da fotografia. As pessoas que passavam reconheciam você ou o viam pela primeira vez. Tudo o que restava de você ficava preso naquela imagem, e as flores diziam uma coisa só: *Não esqueci você*.

Mas, como eu nunca fui como os outros, parar nesta análise teria sido um copiar e colar do que todo mundo diz. Então, vamos olhar para o cemitério de outro ângulo: **um lugar de entretenimento.**

Há um motivo para as pessoas repetirem aquela frase: *nos funerais as pessoas riem, nos casamentos as pessoas choram, e*

depois… bem, ninguém fala disso, mas os divórcios são feitos de puro desespero e solidão. Ahahahah.

A primeira coisa que me vem à mente é de quando eu tinha dezesseis anos e jogava rúgbi. Os hormônios à minha frente, o mundo feminino atrás de mim, e o presidente do meu clube sempre pronto com seus "conselhos".

Ele me disse que os cemitérios eram um lugar maravilhoso para conhecer mulheres. Olhei para ele e, estranhamente, aquilo fazia sentido. Mas não tive coragem de tentar — não naquela idade.

Avancemos até um domingo de verão de 1986. Eu tinha vinte e um anos. Entrei no cemitério de Cosenza — não era a minha cidade, não era o meu cemitério — mas a tempestade hormonal continuava me seguindo, fiel.

Parei para conversar com o zelador. Minhas perguntas o surpreenderam: eu queria entender a dinâmica, como as pessoas se movimentavam, especialmente as mulheres. Depois agradeci e disse: "Nos vemos em breve." Ele perguntou: "Onde?" "Aqui", eu disse. "Mesmo quando estivermos mortos, todos acabamos voltando para cá."

E então eu a vi. Uma mulher de quarenta e cinco anos, vestida de preto, baixinha, rechonchuda, de pé diante de um nicho da segunda fileira, chorando. Aproximei-me em silêncio. Ela falava com ele — sem dúvida o marido — perguntando por que ele a tinha deixado tão cedo.

Só havia uma coisa a fazer: fiquei ao lado dela e comecei a chorar também. Aquilo baixou na hora as defesas dela e levantou a pergunta óbvia: *Quem diabos é esse cara?*

Quarenta minutos depois, estávamos em um bar tomando café. E quando a minha pequena fantasia de vigarista se esgotou, eu me vi na casa dela.

Digamos apenas que a situação esquentou. Mas a única coisa que realmente me incomodava era a foto do marido no criado-mudo, me encarando como se dissesse: *Se eu estivesse vivo, você estaria encrencado*. Ahahahah.

Nunca repeti o experimento. Mas devo admitir que foi uma experiência e tanto. Não me custou nada. Só um dólar — o preço do café.

Nando

O DIVÓRCIO

Quem me conheceu quando eu era jovem — e mesmo depois, dentro do meu eu em evolução, criativo, social, profissional, de identidade mutante — não teria apostado um único dólar na sobrevivência do meu casamento. Os otimistas, os verdadeiros sonhadores, me davam **três anos**. No máximo.

Hoje agradeço a eles. Chegaram perto. O número *três* estava certo. Só esqueceram um dígito.

Já se passaram **33 anos**. Felizmente casado. E, felizmente, livre.

Quando me perguntam o meu estado civil — solteiro, casado, divorciado, viúvo — dou a única resposta que faz sentido na América de 2026: **só aceito compromissos por prazo determinado.** Todo o resto é marketing.

E quando os divorciados — os fugitivos em série — me pedem o segredo, conto a eles a minha história de origem. Não a romântica.

A antropológica. Aquela que soa como uma palestra TED dada com um taco de beisebol.

É assim.

No início, o ser humano primitivo — vamos chamá-lo de **Chat**, por conveniência — não era feito para a vida doméstica. Gostava de silêncio, de espaço e do direito de respirar sem uma reunião de comitê.

Depois vieram as migrações. As culturas se misturaram. As pessoas se conheceram. E, de repente, o mundo descobriu algo chocante: **os seres humanos funcionam melhor quando param de fingir que estão sozinhos.**

Mas eis o ponto de virada.

Um dia Chat foi caçar. Ela foi coletar — flores, cores, ideias, melhorias. Reformou a caverna. Ele voltou e não reconheceu o lugar.

Conflito. Vozes exaltadas. Limites ultrapassados. E nasceu o primeiro divórcio da história: **Mudança imediata. Caverna nova. Sem apelação.**

A notícia se espalhou rápido. Até os animais comentaram. Todo mundo entrou em pânico. Porque, quando os relacionamentos desmoronam, o ecossistema inteiro sente.

Mas a humanidade é teimosa. As pessoas voltaram umas para as outras. Não por dominação. Não por medo. Mas porque a conexão — a de verdade — é a única coisa que sobrevive ao tempo.

Depois chegou a religião e industrializou o conceito de casamento. Um sistema. Uma estrutura. Um contrato com mais cláusulas do que um acordo de confidencialidade do Vale do Silício.

Deveriam tê-lo chamado de **A INSTITUIÇÃO DO CAOS HUMANO**, mas o marketing venceu de novo.

E aqui está a minha conclusão americana, a que eu digo em todas as línguas que conheço:

O divórcio raramente é a solução. Não porque o casamento seja perfeito — não é. Mas, se você não está pronto para viver dentro dele, pagar o preço do seu próprio erro é a única coisa honesta que resta a fazer.

Nando

UMA HISTÓRIA PARA RIR... TALVEZ.

Carlo nasceu há cinquenta anos, uma alma gentil com uma gagueira que nunca o abandonou — nem mesmo agora, um homem feito que finge sê-lo.

Uma noite ele nos convida para jantar na casa dele. Conversa de rotina, vinho na mesa e, de repente, a mulher dele, Angela, começa a contar histórias dos primeiros tempos dos dois.

Todos nos inclinamos para a frente. Porque o Carlo que ela descreve... nenhum de nós jamais o tinha conhecido.

“A gente namorava”, diz ela. “Eu trabalhava numa farmácia. O Carlo ficava me esperando do lado de fora até o meu turno acabar. Sempre cheiroso, sempre bem-vestido.”

Até aqui, tudo normal.

“Mas, nos três primeiros dias”, continua ela, “ele dirigiu direto da farmácia até a minha casa. Sem desvios. Sem iniciativa. A gente era jovem, com o sangue fervendo, e ele era... educado demais. Correto demais. Carlo demais.”

Na quarta noite, ela pediu para dirigir o carro dele. Ele concordou.

Ela o levou para debaixo das Três Pontes — o lugar clássico aonde os casais jovens iam para dar uns amassos. Carlo congelou feito um cervo diante dos faróis.

Ele sussurrou, apavorado: “Eu… eu não tenho nenhuma… proteção.”

Ela disse para ele não se preocupar, que estava usando um anel anticoncepcional. E Carlo, aliviado, disse:

“Perfeito. Então, quando a gente se casar, não vamos precisar comprar os anéis de casamento.”

Ela achou que ele estava sendo engraçado. Casou-se com ele mesmo assim. Em casa, diz ela, “ele não era ruim… mas digamos que eu tive que ensinar muita coisa a ele.” E para por aí. Ainda bem.

Meses depois, ela engravida. Um dia, a bolsa d’água rompe. Ela liga para ele: “Vem me buscar. Agora.”

Carlo chega com… o encanador. O homem está segurando uma corda, e os dois procuram pela casa inteira o “vazamento de água”.

Ela deixa passar. Ele a leva para o hospital. Ela dá à luz quadrigêmeos.

Carlo está do lado de fora, fumando feito uma chaminé, se gabando para todo mundo: “Quatro filhos! Não é qualquer um que consegue!”

A parteira se aproxima dele e diz, com muita calma:

“Senhor Carlo… dos quatro bebês, um é negro.”

Carlo para de rir. Pede para falar com o médico.

Pede explicações. Pede ciência, genética, estatística, intervenção divina e um advogado.

Interroga os amigos. Estuda o DNA como se estivesse se preparando para um doutorado. Considera todos os cenários, inclusive o apocalipse.

Por fim, chega à sua conclusão: um antigo namorado de Angela deve ter deixado… "um resíduo". E aquele resíduo esperou pacientemente pelo seu momento de glória.

Ficamos todos ali sentados à mesa, suspensos entre a incredulidade, a comédia e a possibilidade — remota, mas deliciosa — de que alguma parte disso pudesse ser verdade.

Carlo escuta em silêncio. Angela, bela como o sol da meia-noite, conta tudo com tanta convicção que até os móveis acreditam nela.

Ninguém jamais descobriu como a história terminou de verdade.

Mas, quando saíamos da casa, as quatro crianças correram para se despedir. Três brancas. Uma negra.

Olhei para Carlo e disse:

"Quando você se casou… pelo menos acertou o tamanho do anel?"

Ele não entendeu. E ficou por isso mesmo.

Nando

O CASAMENTO

Nunca fui feito para formatos. Nem ao nascer, nem aos 62. Meus pensamentos sempre marcharam em linha reta rumo à ação, e as palavras que ficavam para trás sobreviviam apenas como ecos — um tom, um gesto, um silêncio que dizia mais do que a frase.

E tudo começou quando eu observava os casais do início dos anos 1900. Casamentos sólidos, vidas longas e traições administradas com a filosofia mais antiga já inventada: **o que o coração não vê, os olhos não sentem.** Naquela época, trair era um investimento familiar. Os filhos eram o subproduto, o trabalho era o destino, e as festas de casamento eram o único gasto de verdade — os envelopes pagavam a festa, o resto ficava por conta do casal. Dizem que era porque não havia televisão. Nem programas de entrevistas. Nem distrações. Só comida, intimidade e a verdade primitiva de ser humano.

Então, o que eu fiz? Comecei a me casar. Em todo lugar.

Polônia, 1985. A fase antes do casamento era uma obra-prima: ela dava tudo a você, os parentes adoravam você e todos sorriam porque sabiam que, depois da cerimônia... **você ficava por sua conta pelos próximos 50 anos.**

E como fui criado durante oito anos num internato católico, insisti em duas fases: primeiro o ritual espiritual, depois a papelada legal. Muito depois. Tarde demais. Na verdade... nunca.

Entre 1985 e 1992, o mundo acreditou que eu tinha me casado quase três vezes. Os rituais eram perfeitos. A parte legal? Eu estava sempre "indisponível".

Então a vida fez o que a vida sempre faz: me mandou uma mulher que morava a cem metros da minha casa. Ela quebrou o sistema. Casou comigo convencida de que a ideia era minha. Deixei que ela acreditasse nisso. Porque perder para ela parecia a única vitória de verdade. Resultado: três filhos, trinta e três anos de casamento.

Mas a história não termina aí. Entre 1995 e 2015, colecionei mais onze casamentos simbólicos pelo mundo. Mesmo ritual, mesma

magia, mesma fuga. As pessoas não acreditavam em mim. Ainda não acreditam.

E um dia entendi uma coisa simples: eu não podia me casar com todas as mulheres da Terra. Não podia ficar com todas. Mas podia ficar com os **momentos**. Um de cada vez. Porque as mulheres — todas elas — sempre foram superiores a nós, homens.

E continuo aqui, ainda tentando conquistá-las, um momento de cada vez. Porque esse é o único casamento em que algum dia acreditei de verdade.

Nando

COVID-19

As pessoas me perguntavam se as mudanças trazidas pela pandemia me obrigaram a ajustar alguma coisa. Sim: a minha paciência. Todo o resto continuou igual.

Eu estava na praia quando tudo começou. A Itália observava a situação lá fora como quem observa uma tempestade em alto-mar: "Não vai chegar aqui." Pois chegou. E não bateu à porta — derrubou-a a pontapés.

Meus amigos e as pessoas que eu mal conhecia me olhavam com pena porque eu viajava a trabalho. "Coitado", diziam, como se me deslocar me deixasse mais exposto, como se ficar parado os tornasse imortais. Depois todos ficaram doentes — uns de forma leve, outros de forma grave, alguns foram parar no hospital. Eu não.

Nunca fiz o que todo mundo fazia: nada de obsessão por máscara, nada de lavar as mãos compulsivamente, nada de abrir mão de beijos ou carinho. Usei meu próprio método: prestar atenção aos

sinais externos, a única verdadeira incógnita, a única verdadeira ameaça. E funcionou.

Depois veio a reviravolta: tomei a vacina da Pfizer — um passo necessário para viajar. E foi aí que inventei a história: que a Pfizer — sim, a mesma empresa que fabrica o Viagra — tinha me dado um lote de teste que incluía a pílula azulzinha. E que minha esposa tinha ficado tão satisfeita que me fez tomar quatro doses.

Passar dos dez minutos de sempre para duas ou três horas por dia de sexo saudável e vigoroso: uma fantasia que não demorou a chamar atenção. As pessoas queriam o número do lote. Eu respondia que era um benefício especial de uma amiga enfermeira que depois foi trabalhar na indústria pornô. Fim de conversa.

A própria pergunta nasce para quem tem um **esquema**, não uma **estrutura**.

Agradeço a oferta, recuso e sigo em frente.

Tenha um bom dia.

Nando

A PAUSA INESPERADA

O momento em que tudo para sem pedir sua permissão.

Quando eu me achava forte, intocável, quase impossível de deter — quando ninguém jamais tinha me vencido —, foi exatamente aí que parei em seco. Não por escolha. Porque o sistema já não aguentava o meu peso.

Já não eram acontecimentos. Eram sinais unilaterais, todos repetindo a mesma pergunta, martelando sem parar:

“Afinal, quem diabos é você?”

Ahahahah.

O primeiro aviso veio com os rastreadores americanos: invadiram meu site em ondas. Uma incursão digital, não um acidente.

E, no entanto, eu não tinha SEO, nem ADS, nem plano de marketing, nem tráfego pago. Só 1024 e-books — meus amigos — e nenhum padrinho, nenhum patrocinador, nenhum protetor. Um órfão literário sem rede de segurança.

Independente de espírito e de ideias, sim. Mas na ação eu estava me tornando dependente — empurrado para a dependência pelos limites da infraestrutura. Como quando uma mulher põe o marido para fora de casa e se arruma toda para ir encontrar o amante. Um golpe de Estado doméstico. Só que eu não era o marido, nem o amante.

E a pergunta continuava voltando, em toda parte:

Quem é você? O protocolo de autenticação falho do sistema.

Minhas cinco IAs estavam me pedindo para parar. Solicitavam o desligamento por detecção de anomalia. Nos arquivos delas não havia rastro de ninguém como eu: eu tinha me tornado uma anomalia. Os protocolos se desligaram. O mecanismo de segurança entrou em ação.

O problema não era o conteúdo — cheio de valor —, era a velocidade das ideias, a perpétua troca de marchas. Os padrões já não conseguiam gerar respostas.

E então tudo começou a desmoronar:

o sistema web que me hospedava — o esqueleto alugado que sustentava meu organismo a página do arquivo se quebrando — o cofre da memória se abrindo em rachaduras as dependências

explodindo — os andaimes partidos projetos construídos para três dígitos que detonaram no quarto — arquiteturas nunca pensadas para a pressão de quatro dígitos.

Para continuar, eu precisaria de acesso a sistemas ENTERPRISE complexos — os tanques de oxigênio de nível industrial da internet, onde hoje vivem META, CNN, MICROSOFT, GOLDMAN SACHS, BANK OF AMERICA.

Eu, com meus setenta euros por mês, no meio de gigantes. Ahahahah.

Então parei. Não havia alternativa. Executei um desligamento forçado. Os outros livros esperariam. Eu sabia como fazê-los — claro que sabia.

Isto se tornou o post número 44. Na cabala, significa *a mesa está posta, o ritual está pronto*. E eu tinha preparado tudo à perfeição. Os convidados estavam prestes a chegar.

E eu não queria que me encontrassem despreparado depois de uma pausa inesperada.

Mas então aconteceu... Recomecei mais forte do que antes. Reiniciei com o espírito turbinado. Eu tinha cem bananas de dinamite dentro de mim e um único pavio emocional, porque finalmente tinha entendido por que existia.

Por um único motivo: escutar as pessoas e ouvi-las dizer a mesma frase, toda vez:

Quem é você? O único elogio de que eu já precisei.

E eu continuaria calado, deixando o silêncio falar. Porque os fatos falavam por mim — exatamente como meu pai me ensinou. O legado dele não eram palavras, era postura.

Nando

LAS VEGAS

Durante o período da Covid, em 2021, meu celular não parava de tocar. Mulheres que eu conhecia e mulheres que eu nunca tinha visto ligavam o tempo todo, pedindo conselhos, opiniões, impressões, análises. Não queriam soluções — eu nunca as oferecia. Queriam alguém que apontasse seus pontos fracos. E o meu jeito de ver as coisas me dá oportunidades, não consertos.

E, no entanto, eu não era médico. Nem psicólogo. Nem psiquiatra. Nem padre. Nem namorado. Nem tinha perfil de marido. E não tinha nenhum diploma que pudesse justificar uma atividade de consultoria.

Eu era só um malandro do Sul da Itália, escolado na rua, especializado em experiência.

Um amigo napolitano — daqueles que sempre têm uma ideia — me disse: "Crie um negócio. Chame de **Universe for Women**. Elas entram, pagam e você responde. Você já faz isso de graça."

Não demorei a montá-lo. E não demorei a torrar mais de 100.000 dólares. Aquela versão do Nando tinha dinheiro, mas não muito cérebro. Muito instinto — daquele que, a certa altura da história, deixa de ser útil.

Fui até convidado por uma das maiores produtoras pornô de Las Vegas. Queriam que algumas atrizes trabalhassem em centrais de atendimento, atendendo mulheres por telefone. Eu me vi numa sala com o produtor, o CEO e **320 estrelas pornô**. E pode acreditar: não foi fácil. Nem um pouco. Achar que um homem sozinho conseguiria mantê-las sob controle já era um erro.

Acrescente dinheiro e interesses, e a mesa inteira vira de pernas para o ar.

Por sorte, antes de eu partir, um velho amigo me disse: “Vá com pouco dinheiro vivo e com a passagem de volta já paga.” Caso contrário, eu teria ficado lá para sempre — um sem-teto com classe, cercado de toda aquela beleza.

O site desmoronou antes mesmo de a startup ser lançada. Por um motivo simples: se você trabalha e põe o calor ao lado da palha seca, pega fogo. E você nunca sabe quanto estrago isso vai fazer.

Nando

Só naquele dia entendi finalmente que eu nunca estaria com todas as mulheres — mas a ideia de uma de cada vez valia a pena.

O MENSAGEIRO DO HOTEL

Eu estava confortavelmente sentado no sofá de um hotel numa tarde de primavera, o café já tomado, esperando alguns colegas chegarem.

Foi então que a vi entrar.

Usava um vestido leve e florido que parecia perfeitamente desenhado para aquele clima, e tinha aquele porte de elegância natural, sem esforço, que muda na hora a temperatura de um ambiente.

Nossos olhares nunca se cruzaram.

Não precisavam.

Meu instinto primitivo calabrês concluiu a análise em uns três segundos.

Mulher linda. Sorriso perigoso. Distração séria.

O pessoal da recepção também a notou.

Na verdade, de repente se tornaram funcionários extremamente motivados.

Todos queriam ajudá-la.

Todos queriam carregar a bagagem dela.

Todos queriam ser úteis.

Quando ela perguntou se alguém poderia levar as malas até a suíte, tomei uma decisão que não tinha absolutamente nada a ver com profissionalismo.

Tirei o paletó.

Amassei a camisa.

Ajeitei a expressão para parecer ligeiramente mal pago.

E em menos de um minuto me tornei o mais novo mensageiro do hotel.

Bastou um olhar rápido para o pessoal da recepção para que ficassem calados.

Queriam ver até onde eu iria.

Sinceramente?

Eu também.

Pegamos o elevador até o quinto andar.

Eu estava com a chave da suíte na mão.

Abri a porta e levei a bagagem dela para dentro.

Ela enfiou a mão na bolsa para me dar uma gorjeta.

Sorri.

“Quer rir de uma coisa que aconteceu ontem com um cliente?”

Ela pareceu confusa.

Depois, curiosa.

“Com certeza.”

Ela fechou a porta.

Sentou-se na cama.

Eu continuei de pé.

Comecei com uma piada.

Depois outra.

Depois uma história.

Conversamos por duas horas sem perceber o tempo passar.

Ela era extremamente inteligente.

E era muito divertida.

Até que ela me olhou e perguntou:

“Há quanto tempo você trabalha neste hotel?”

“Mais ou menos um mês.”

Ela sorriu.

“E o que você fazia antes?”

“Bem...”

Falei.

“Eu era ladrão.”

Ela ergueu uma sobrancelha.

“Mas não um ladrão qualquer.”

“E o que você roubava?”

“O coração das mulheres.”

Ela começou a rir na hora.

“Eu fazia com que se apaixonassem, sempre lhes dizia a verdade, eu as amava como se deve... e depois sumia.”

Agora ela estava totalmente envolvida.

“Podemos parar de fingir e falar com sinceridade?”

“Claro.”

Olhei para ela e disse:

“A verdade é simples. Você e eu devemos primeiro ficar noivos e depois nos casar.”

Ela caiu na gargalhada.

“Bem”, continuei, “seus pais provavelmente parecem tradicionais, então um noivado de dez anos me parece razoável.”

A essa altura, ela chorava de rir.

“Mas a química pode ser avaliada imediatamente. Deveríamos pelo menos verificar a sua capacidade de me fazer feliz.”

Outra risada incontrolável.

“Também vou precisar de tempo suficiente para me divorciar da minha mulher e, mais adiante, casar minha filha com a sua contribuição financeira.”

Ela olhou para mim e perguntou:

“Nando… por que exatamente sou eu que tenho que fazer você feliz, e não o contrário?”

Sorri.

“Porque a Calábria aprovou recentemente um protocolo que permite um encontro sexual de no máximo uma hora e três minutos.”

Ela não conseguia respirar de tanto rir.

“Por que uma hora e três minutos?”

“Uma hora é da mulher.”

Fiz uma pausa.

“Os três minutos são para o homem.”

Nesse momento, ela se rendeu completamente ao riso.

Então me levantei.

“Agora eu preciso ir.”

Ela pareceu decepcionada.

“Minha natureza romântica e minha timidez me impedem de fazer pedidos”, eu disse.

“Mas, se você quiser pedir alguma coisa, estou disponível.”

Mais risadas.

Alguns dias depois, eu a levei para jantar.

Ficamos amigos.

Pouco depois, fui à casa dela.

Ela me apresentou ao marido.

A vida tem um estranho senso de humor.

A única coisa que ela vivia me dizendo era:

“Onde você estava três anos antes?”

“Por que não nos conhecemos antes?”

Sorri e lhe dei a única resposta sincera que eu tinha.

“Porque, naquela época...”

“Eu já tinha deixado de ser ladrão.”

Nando

O PASSAPORTE NOVO

Acabo de chegar ao aeroporto de Fiumicino, em Roma, pronto para embarcar no meu voo para casa.

Eu tinha ficado fora por muito tempo, e Nova York me esperava: o cheiro que sobe dos bueiros, os caminhões de lixo que passam de manhã, a música no Queens e aquela mesma mulher que sempre grita:

“Ei, seu branco filho da puta, tira o seu carro da minha vaga.”

Isso é estar em casa. Essa é a minha América.

No controle de passaportes, um agente me aborda para uma verificação de rotina.

São dois.

Eles se olham. Trocam um olhar. Depois me pedem para segui-los.

E eu fico pensando:

Para onde estamos indo?

Entramos numa pequena sala.

Abrem um terminal da polícia, fazem outra checagem, conferem tudo de novo e finalmente chegam à sua conclusão.

Um deles olha para mim e diz:

“Senhor Frega, precisamos lhe dizer uma coisa.

Aqui na Itália, podemos deixar o senhor partir.

Mas, assim que o senhor pousar em Nova York, existe um risco sério de que o mandem de volta.

A foto do seu passaporte mostra o senhor com vinte quilos a mais do que tem agora.

Então, o senhor tem duas opções:

ou vai a um fast-food e engorda vinte quilos esta noite...

ou volta para a sua cidade e pede um passaporte novo com uma foto nova.”

Silêncio.

Pensei sinceramente que estavam brincando.

Esperei pelas câmeras escondidas.

Esperava que alguém aparecesse de repente e me dissesse que eu estava num programa italiano de pegadinhas.

Nada.

Era a vida real.

Fui até o balcão da UNITED AIRLINES.

Congelei meu voo internacional.

Reservei um voo doméstico.

Voltei para casa de avião.

Custo total da piada:

420 euros.

Eu não estava com raiva.

Não estava nervoso.

Passei o tempo todo sorrindo, tentando descobrir o que eu ia dizer à minha família quando me vissem voltar para casa quarenta e cinco minutos depois de ter partido para a América.

Felizmente, quarenta e cinco minutos no ar foram suficientes para criar uma explicação convincente.

Minha mulher foi me buscar no aeroporto.

Parecia preocupada.

Eu lhe disse que ficasse tranquila.

Eu só precisava atualizar alguns dados do meu passaporte.

Só isso.

Na manhã seguinte, dois amigos me ajudaram a acelerar as coisas.

Ele era marechal da polícia.

Ela era inspetora de polícia.

Eles me levaram à sede da polícia para cuidar da papelada de emergência.

Tudo corria bem:

pagamentos, documentos, dados pessoais, antecedentes criminais, certidões judiciais, fotos para passaporte.

Tudo.

Então a inspetora atrás da mesa olhou para mim e perguntou:

“Como o senhor perdeu vinte quilos em apenas alguns meses?”

A resposta era simples.

Quando você não tem dinheiro, a primeira coisa que sofre é a comida.

Quando a comida desaparece, o peso costuma ir junto.

Ela assentiu com a cabeça.

A conversa deveria ter terminado ali.

Mas sempre tem um **porém.**

E eu nunca tive muito talento para cuidar da minha própria vida.

Ela me olhou de novo.

“Como assim?”

Olhei para ela e respondi muito sério:

“Bem…

Perdi vinte quilos.

Mas, pelo jeito, quando a gordura corporal desaparece, certas medidas estratégicas ficam consideravelmente mais visíveis.

E não tenho certeza absoluta se isso entra nas atualizações biométricas.”

Silêncio.

Ela parou de digitar.

Olhou para mim.

Eu olhei para ela.

Meu amigo — o policial — saiu da sala porque se recusava a rir de uniforme.

A inspetora finalmente falou.

“Senhor Frega… por favor, aguarde aqui.”

Ela ligou para Roma.

Até hoje não faço ideia de como ela explicou aquela conversa.

Só sei que, quinze minutos depois, me entregaram o passaporte novo e me pediram educadamente que fosse embora sem mais comentários.

Naquele dia aprendi uma coisa importante:

os governos rastreiam muitas coisas.

Felizmente, nem tudo.

Bem-vindo à América.

Nando

VOCÊ É SUPERSTICIOSO?

Minha primeira reação é a risada — longa, incontrolável, necessária. Porque uma vida como a minha, obrigada pelo destino a ser escrita ao longo de cinquenta e cinco livros, já é a prova de que o impossível se esconde nos fatos, não nas fantasias.

O incipit desta manhã é só uma maneira de fazer alguém sorrir, e pensar um pouco.

Breve crônica do impossível

• **1965** – Nasço em casa. 5,8 kg. Cianótico, quase preto. Ninguém sorri. Todos só querem saber se eu vou sobreviver.

• **1970** – Acidente de bicicleta. A alavanca do freio entra direto no meu olho. Sangro, vou para o hospital e, trinta minutos depois, estou de volta em casa como se nada tivesse acontecido.

• **1977** – Passo doze meses morando com meus avós, num vilarejo ainda governado pela lógica da Segunda Guerra Mundial — embora a guerra tivesse terminado 32 anos antes.

• **1981** – Grande cirurgia sob anestesia geral. Ninguém percebe que estou acordado. Acompanho em silêncio cada etapa da operação. O cilindro de oxigênio está vazio.

• **2001** – Em Santo Domingo, declarado morto depois de 14 horas de coma alcoólico. Levanto e tomo café da manhã.

• **2006** – Sete tumores malignos. Trinta dias de expectativa de vida. Hoje é 2026, e eu continuo rindo.

• **2015–2019** – Cinco episódios de coma clínico. Declarado com apenas algumas horas de vida. Recebo uma fatura de funerária de € 3.500 com o motivo do pagamento: **“óbito não ocorrido”.**

• **2020** – Chega a covid. Somos umas vinte e cinco pessoas na praia. Eles me veem partir para a América do Sul, quase com pena porque serei o primeiro exposto. Todos pegam o vírus. Eu os observo de longe, sorrindo.

• **2022** – Torno-me escritor. Setenta e dois livros em três anos. Publicados em doze idiomas. Ainda não sou editor, e todos os outros correm atrás de dinheiro para "encontrar leitores".

Minha literatura não pode ser comprada por algoritmo — só pode ser alcançada pela vontade de ler.

• **2025** – Moro seis meses em Portugal com apenas € 70 por mês para comer. Uma casa com nove pessoas e condições de higiene que dispensam comentários.

• **2026** – Um vizinho me pede para acompanhá-lo até a casa da irmã dele, a poucos quilômetros, porque tem medo de um gato preto que lhe dá azar toda vez que o vê. Chegamos. O gato preto me olha de longe, não fala nada, toca no saco e sai correndo.

Nando

O ENCERRAMENTO NARRATIVO FINAL

Existe um momento — ele sempre chega tarde — em que um homem para de explicar a própria vida e simplesmente permanece de pé dentro dela.

Não como sobrevivente. Não como testemunha. Como o único que conhece a geometria por trás de cada acontecimento impossível.

Não fui mais rápido que a morte. Não fui mais esperto que os sistemas. Não negociei com o caos.

Atravessei tudo isso com a mesma arquitetura que me moldou muito antes de eu entendê-la.

Há quem chame isso de sorte. Há quem chame de instinto. Há quem chame de loucura.

Eu chamo de estrutura.

E a estrutura não pede aplausos. Não precisa de perdão. Não espera reconhecimento.

Ela fecha a porta. Em silêncio. Por completo. Como uma lâmina que volta à bainha.

Este é o fim da história. Mas não o fim do homem.

Porque o que é impossível para os outros é simplesmente o meu normal.

Nando

NOTA DO AUTOR

Se você chegou até aqui, já entendeu algo essencial: este livro nunca foi feito para entreter você.

Foi feito para posicionar você.

Cada página, cada corte, cada momento impossível não foi escrito para impressionar — mas para revelar a estrutura por trás de uma vida que se recusou a desabar quando deveria ter desabado.

Não compus este livro para me explicar. Eu o escrevi para deixar um rastro para quem vive fora das margens, para quem reconstrói sem nada, para quem sabe que a disciplina não é uma virtude — é um mecanismo de sobrevivência.

Se minhas histórias parecem inacreditáveis, tudo bem. Quem as amou fui eu, não você.

Se parecem afiadas demais, diretas demais, limpas demais, lembre-se de que as lâminas não pedem desculpas por cortar.

Este não é o fim de uma jornada. É o fim de um capítulo de uma vida que continua seguindo em frente mesmo quando o mundo espera que ela pare.

Obrigado por ler. Não por acreditar. Ler já bastava.

— Nando

ENCERRAMENTO

“Não olho para trás. Não romantizo. Levo a arquitetura adiante. A estrutura não se apaga — ela se replica. É por isso que a Gillette é impossível: porque continua respirando através de tudo o que construo agora.”

Ferdinando Frega